

Contributos para a história da arqueologia em Monção

Henrique Barreto Nunes^{*}
Francisco Sande Lemos^{**}

Quando a Professora Manuela Martins me convidou a colaborar na parte deste número da "Forum", que ela coordenou, dedicada a Francisco Sande Lemos, meu particular amigo, entendi que esse contributo poderia incidir sobre a bibliografia arqueológica de Monção.

E tal escolha foi motivada por três razões: primeiro porque a Universidade do Minho instalou uma das suas unidades culturais, a Casa Museu de Monção, naquela vila, a qual aí tem protagonizado uma notória intervenção cultural; depois porque Francisco Sande Lemos dirigiu diversos trabalhos arqueológicos no referido concelho; finalmente por razões mais pessoais, dado eu ter nascido em Monção, terra a que naturalmente me ligam profundos laços familiares e afectivos.

* Director da Biblioteca Pública de Braga (2000/2009): hbnunes13@gmail.com

** Arqueólogo, Universidade do Minho: sandelemos@gmail.com

Monção não tem sido objecto de grandes intervenções arqueológicas, apesar de J. Leite de Vasconcelos lhe ter dedicado ligeira atenção e de no seu aro se localizarem diversos castros de alguma dimensão e outros sítios que justificam escavação e estudo.

Por isso mesmo a sua bibliografia arqueológica é escassa, merecendo destaque apenas os estudos publicados por J. A. Maia Marques.

Aguarda-se com alguma expectativa a publicação dos resultados dos trabalhos realizados pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho no Castro de S. Caetano, sob orientação de Manuela Martins, que certamente muito enriquecerá o conhecimento sobre a arqueologia local.

Para completar a informação arqueológica sobre Monção resolvi solicitar a Francisco Sande Lemos que me fornecesse uma breve resenha relativa às sondagens e escavações que ele dirigiu ou acompanhou no concelho.

O texto que me entregou, mais extenso do que eu pensava, levou-me a alterar a ideia inicial e assim este artigo surge com o título em epígrafe, englobando a bibliografia arqueológica anotada monçanense por mim organizada e a memória sobre os trabalhos arqueológicos em Monção em que Francisco Sande Lemos participou.

Henrique Barreto Nunes

Bibliografia arqueológica de Monção

Henrique Barreto Nunes

Este levantamento reúne não só as referências bibliográficas relativas aos estudos arqueológicos locais como também informações, notícias variadas e artigos publicados na imprensa periódica que poderão ter interesse para melhor conhecer a ocupação humana do território monçanense e a sua contextualização histórica.

ALARCÃO, Jorge de

Roman Portugal: gazetteer. Warminster: Aris & Phillips, 1988, fasc. 1, p. 2
Inventário de achados e sítios da época romana existentes no concelho de Monção, junto à vila (estatueta), em Troporiz, Reiriz e Cortes.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de

"Uma intervenção arqueológica na residência paroquial da vila de Monção".
Portugalia. Porto, 19/20, 1998-1999, p. 229-252, il.

Descrição da intervenção arqueológica realizada no quintal da residência paroquial de Monção e estudo do material em pedra e cerâmica recolhida, de que se destacam alguns fragmentos da Idade do Ferro, outros medievais e a maior parte deles datáveis dos séc. XVI a XVIII.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de

Castelologia medieval de Entre-Douro-e-Minho: desde as origens a 1220.
Porto: Faculdade de Letras, 1978 (trabalho complementar a provas de doutoramento).

Estudo de arqueologia medieval que apresenta uma lista e mapa dos castelos, castros, montes, faros e torres, levantada a partir de documentos da época. Relativamente a Monção há referências a Pena da Rainha (Abedim).

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de

Vias medievais: Entre Douro e Minho. Porto: Faculdade de Letras, 1968 (dissertação de licenciatura).

Descrição dos itinerários das vias romanas e medievais que atravessavam o actual concelho de Monção, com referência a pontes e outros sítios arqueológicos com elas relacionados.

CAPELA, José Viriato (coord.)

Monção nas "Memórias Paroquiais" de 1758. Monção: Universidade do Minho – Casa Museu de Monção, 2003.

Nas "Memórias Paroquiais de 1758" encontram-se inúmeras referências com interesse arqueológico relativas às diversas freguesias do concelho de Monção.

CENTENO, Rui M. S.

Circulação monetária no noroeste da Hispânia até 192. Porto: Sociedade Portuguesa de Numismática, 1987, p. 22-23.

Referência ao achado de oito denários numa pedreira localizada nas proximidades da capela do Senhor do Bonfim (freguesia de Anhões).

CORTEZ, F. Russel

"Ara votiva romana de Reiriz, Monção"

Boletim de la Comisión de Monumentos de Orense. Orense, 15(1) Jan-Jun 1945, p. 12-15, il.

Notícia da descoberta de uma ara romana em Reiriz (freguesia Troviscoso), no decurso de trabalhos de terraplanagem. A ara é dedicada por SAB(inus?) a uma divindade cujo nome começa por V.

CORTEZ, F. Russel

"O esconderijo de Moreira (Monção): elementos para a cronologia dos machados de bronze de talão e duplo anel". *Trabalhos de Antropologia e Etnologia.* Porto, 13(1/2) 1951, p. 155-161, il.

Descrição dos achados num esconderijo localizado na bouça da Catelinha (freguesia de Moreira) onde se encontraram dezoito machados de bronze, de talão e duplo anel, além de diversas fíbulas de bronze e outros fragmentos inclassificáveis.

Os objectos podem ter sido escondidos no séc. II a.C., devido à tipologia das fíbulas.

ENCARNAÇÃO, José d'

"Omissão dos teónimos em inscrições votivas". *Veleia.* Bilbao, 2-3, 1985-1986, p. 305-310.

Referência à epígrafe da ara de Reiriz (Troviscoso).

FIGUEIREDO, A. Mesquita de

"Informações archeologicas colhidas no 'Diccionario geographico' de Cardoso". *O Arqueólogo Português*. Lisboa, 1, 1895, p.142-143.

Transcrição, sob o título de "Antiguidades de Abedim (Minho)", da parte do verbete do *Diccionario geographico de Portugal*, de Luís Cardoso (1747) relativa às ruínas de uma torre e outras construções, grutas e vestígios de antiguidades existentes num monte da freguesia de Abedim.

Guia dos Castros da Galiza e Noroeste de Portugal – V. N. de Famalicão: ADRAVE, 2007, p. 52-53 e 55.

Notícia sumária sobre os castros de S. Caetano (Longos Vales) e da Assunção (Barbeita).

LEMOS, Francisco Sande

"Arqueologia, Alto Minho" in CAPELA, José Viriato (coord.) *As freguesias do distrito de Viana do Castelo nas "Memórias paroquiais" de 1758*. Monção: Universidade do Minho – Casa Museu de Monção, 2005, p. 519-524.

Síntese sobre o conhecimento da arqueologia no distrito de Viana do Castelo, incluindo bibliografia, na qual se incluem diversas referências a Monção.

LEMOS, Francisco Sande; NUNES, Henrique Barreto

"Leite de Vasconcelos e a arqueologia do Minho". *O Arqueólogo Português*. Lisboa, s. 4, 26, 2008, p. 253-280, il.

José Leite de Vasconcelos teve uma relevante influência na história da arqueologia do Minho, mercê da criação de uma rede de colaboradores e correspondentes, como sucedeu em Monção com António Pinho e Diocleciano Torres.

DIAS, Manuel

"Um novo achado de machados de talão em Monção". *O Vianense*, Viana do Castelo, 30 Out. 1984.

Notícia sobre a descoberta de um esconderijo com onze machados de bronze em local não identificado do concelho de Monção.

GUERRA, L. de Figueiredo da

"Os castelos de Fraião e de Pena da Rainha" *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 5, 1900, p. 134-136.

Breves referências aos vestígios da fortificação e torre existentes no monte de S.Martinho, freguesia de Abedim, que deverão datar da Idade Média.

MONÇÃO, Câmara Municipal

A arqueologia no concelho de Monção: exposição. Monção: Câmara Municipal, 1982.

Desdobrável relativo a uma exposição sobre o tema referido em título, com destaque para o Castro de N. S. da Assunção (Barbeita).

MARQUES, José Augusto Maia

"Necrópole de Cortes (Mazedo – Monção)". *Revista da Faculdade de Letras: História*. Porto, 1, 1984, p. 211-220.

Estudo de uma necrópole descoberta no lugar de Cortes (freguesia de Mazedo), onde foram exumadas seis sepulturas rectangulares, construídas com telhas, imbrices e pedra, sem espólio significativo, de cronologia não anterior ao séc. IV d.C.

MARQUES, José Augusto Maia

"O castro da S.^a da Assunção (Barbeita, Monção): primeiros trabalhos". *Revista de Guimarães*, 95, 1985, p.188-197.

Descrição do castro da S.^a da Assunção, sua contextualização e breve relato das intervenções arqueológicas realizadas em 1980-1981.

MARQUES, José Augusto Maia

"As gravuras da Chã da Sobreira e a arte rupestre no concelho de Monção". *Revista de Ciências Históricas*, Porto, 1, 1986, p. 11-29, il.

Na sequência dos trabalhos de levantamento da carta arqueológica de Monção o autor apresenta uma panorâmica da arte rupestre neste concelho (em especial as gravuras de Cambeses e do Castro da Assunção) e descreve as gravuras da Chã da Sobreira (freguesia de Podame), na altura descobertas, que apresentam círculos concêntricos, espirais, labirintos e uma cena equestre.

MARQUES, José Augusto Maia

"Elementos para o estudo da Idade do Bronze no Alto Minho: ponta de lança do Castro da Senhora da Graça, Monção". *Humanidades* Porto, 4, 1984, p. 37-44, il.

A propósito de um inventário de machados de talão encontrados no distrito de Viana do Castelo, descreve-se um espécime achado no Castro de N.^a Sr.^a da Graça (freguesia de Badim).

MARQUES, José Augusto Maia

"Assentamentos castrejos do concelho de Monção". *Revista de Ciências Históricas*, Porto, 2, 1987, p. 77-120.

Depois de feita a caracterização ecológica da região, o autor apresenta uma visão panorâmica do final da Idade do Bronze no Alto Minho (distrito de Viana do Castelo). Seguidamente faz a descrição de vinte e dois assentamentos castrejos (Idade do Ferro) no concelho de Monção e descreve os vestígios mais importantes da romanização desta zona.

MARQUES, José Augusto Maia

"A arqueologia no concelho de Monção: cultura castreja". *Nova Fronteira*. Porto, 1(0) 1983, p. 13-15.

Descrição de um projecto de estudo da ocupação humana na margem esquerda do Rio Minho, destacando-se o levantamento da carta arqueológica do concelho de Monção.

MARQUES, José Augusto Maia

"Inventário arqueológico do concelho de Monção: estado da questão". *Revista de História: Universidade Livre*, Porto, 1, 1984, p. 73-110 il.

O autor descreve a situação actual do inventário arqueológico do concelho de Monção, fazendo uma breve resenha dos principais monumentos e vestígios arqueológicos detectados, da pré-história à Idade Média.

MARQUES, José Augusto Maia

"Trabalhos arqueológicos no Castro de S. Caetano (Longos Vales, Monção) 1988-1989". *Revista de Ciências Históricas*, Porto, 6, 1991, p. 25-53, il.

Descrição das escavações arqueológicas realizadas no Castro de S. Caetano (Longos Vales) que mostram uma ocupação desde a Idade do Bronze e bons níveis da Idade do Ferro e da romanização, tendo sido destruído, provavelmente, nos finais do séc. IV d.C.

NEVES, Leandro Quintas; VIANA, Abel

"Notas sobre o Castro de S. Caetano (Longos Vales, Monção)" in CONGRESSO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA, 1, Lisboa, 1958 – *Actas e memórias*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1959, v. 1, p. 381-387, il.

Descrição do Castro de S. Caetano (Longos Vales) e de alguns fragmentos de cerâmica recolhidos à superfície, alguma da qual pintada.

NEVES, Leandro Quintas

"O petróglifo de Cambezes (Monção)". *Arquivo do Alto Minho*. Viana do Castelo, 4 (1/2), 1952?, p. 15-19, il.

Descrição de alguns achados arqueológicos no "Castelo do Milagres" (freguesia de Cambezes), em especial do "penedo da Serpe", onde se pode identificar uma gravura rupestre representando provavelmente uma serpente.

NEVES, Leandro Quintas

"O Professor Doutor José Leite de Vasconcelos no Alto Minho". In COLÓQUIO DE ESTUDOS ETNOGRÁFICOS DR. JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, Porto, 1958—*Actas*. Porto: Junta Distrital do Douro Litoral, 1959, vol. 1, p. 123-128. Referência à relação de J. Leite de Vasconcelos com dois estudiosos do passado monçanense (António Pinho e Diocleciano Torres).

NUNES, Henrique Barreto

"Sobre as origens de Monção". *A Terra Minhota*, Monção, 1 Mar. 1973, p. 1. Ponto da situação sobre o conhecimento das origens de Monção recorrendo aos dados que a bibliografia e a arqueologia podem fornecer.

NUNES, Henrique Barreto

"O castro de N.ª Senhora da Assunção (Barbeita)". *A Terra Minhota*, Monção, 30 Abr. 1973, p. 1.

Relato de uma visita ao referido castro, na sequência de descobertas arqueológicas noticiadas pela imprensa.

NUNES, Henrique Barreto

"O primeiro habitante de Monção". *A Terra Minhota*, Monção, 1 Jun. 1978. A pretexto da necessidade da preservação e estudo do património arqueológico de Monção, refere-se o artigo de F. Russel Cortez relativo à ara romana descoberta em Reiriz (Troviscoso).

OLIVEIRA, Eduardo Pires de

Bibliografia arqueológica portuguesa: [séc. XVI – 1979]. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, 1984-1993, 3 vol.

Levantamento exaustivo da bibliografia arqueológica portuguesa, que inclui diversas referências a Monção e outras com interesse para a sua contextualização.

PORTUGUÊS, Ernesto

São Salvador de Cambeses: memória e identidade de um povo. Monção: Câmara Municipal, 2002, p. 89-109.

Monografia da freguesia da Cambezes que inclui um capítulo dedicado à ocupação do território, desde a pré-história às invasões árabes.

PORTUGUÊS, Ernesto

São Tiago de Pias: história e cultura. Monção: Câmara Municipal, 2008, p. 31-59.

Nesta monografia da freguesia de Pias são dedicadas algumas páginas à ocupação humana do território, dando-se algum relevo à microtoponímia.

SILVA, Isabel; MARQUES, José Augusto Maia

"Monção: (trabalhos de campo)". *Informação arqueológica*, Lisboa, 5, 1995, p. 134-136.

Informações sobre trabalhos arqueológicos realizados em 1982/1983 na zona a submergir pela barragem de Sela (Rio Minho) e nos castros da Sr.^a da Assunção e Sr.^a da Graça.

VASCONCELOS, José Leite de

"Antigualhas de Monção", *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 7 (10/11) Out.-Nov 1902, p. 285-288.

Transcrição de notícia de um jornal e de carta de Diocleciano Torres relativas a achados arqueológicos no Castelo da Moura (freguesia de Cambezes), com vestígios de arte rupestre, e ao castro de S. Caetano.

VIANA, Abel

"Justificação de um cadastro de monumentos arqueológicos para o estudo da arqueologia do Alto Minho". *Anuário do Distrito de Viana do Castelo*, Viana do Castelo, 1, 1932, p. 154-167, il.

Esboço de carta arqueológica do distrito de Viana do Castelo, com referências a diversos sítios e achados em freguesias de Monção.

II

Trabalhos arqueológicos no concelho de Monção

Francisco Sande Lemos

1

Introdução

Apesar de a bibliografia não ser numerosa, o concelho de Monção possui um valioso património. Tal como os restantes municípios das duas margens do baixo vale do Minho (ou seja a jusante da confluência com o Sil), o que não constitui surpresa porquanto aquele rio é o principal eixo de drenagem do canto superior direito do Noroeste Peninsular. Incluí, no seu curso final, diversos afluentes como os rios Barxaxa, Deva, Arnóia, Barbaña, Pereiro a Sul. A Norte podemos citar: Búbal, Barbantos, Avia, Caselas e Louro, entre outros.

Durante o Pleistoceno formaram-se no assim no baixo vale do Minho depósitos sedimentares de diversas épocas, parte dos quais conservam material do período Paleolítico.

No Holocénico foi sempre uma via natural de trânsito, que terá assumido uma progressiva complexidade a partir do momento em que se intensificou o tráfico ao longo da costa atlântica e com o Mediterrâneo, dinamismo que se acentuou a partir das navegações da Idade do Bronze Final e das épocas fenícia, grega e púnica.

Na sequência da conquista romana do Noroeste Peninsular a bacia do baixo Minho ficou integrada no *conventus de Bracara Augusta*, sendo as principais urbes da região as cidades de *Tude* e *Auria*, ambas situadas na margem Norte do rio.

Um dos autores (FSL), quer como Director do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte, quer como arqueólogo da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho participou em vários trabalhos, ditados por condicionalismos específicos ou a pedido do Município de Monção.

Neste texto apresenta-se uma breve súmula das intervenções realizadas e que encontram inéditas. A correspondente documentação está depositada no IGESPAR e na Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Os registos fotográficos foram integrados no arquivo do Museu de D. Diogo de Sousa. Por sua vez os materiais resultantes das sondagens e escavações, depois de inventariados e tratados naquele Museu, foram entregues à Câmara Municipal de Monção.

Porquanto todos os materiais, líticos e cerâmicas, estão marcados, as imagens legendadas, e a documentação devidamente registada, não há riscos de se perder a articulação. Todavia seria conveniente que se procurasse juntar aos materiais, cópias digitalizadas dos restantes elementos, de modo a existirem pelo menos quatro dossiers completos, em cada uma das entidades supra-mencionadas.

Neste texto as intervenções arqueológicas são apresentadas por ordem cronológica da sua realização.

2

Prospecções na zona de Impacto da Barragem de Sela (orientadas em conjunto com Isabel Silva, na altura Técnica Superior do Serviço Regional de Arqueologia do Norte, requisitada ao Ministério da Educação onde exercia funções de docente do Ensino Secundário).

Realizadas na década de 80 do século XX (1982/1983), pouco tempo depois da criação do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte, dependente do IPPC. Este trabalho incidiu na margem Sul do rio Minho e enquadrou-se numa série de campanhas promovidas pelo SRAZN com o objectivo de se identificarem os vestígios arqueológicos e históricos que seriam afectados pela barragem de Sela, projecto hidro-eléctrico que felizmente nunca se concretizou. Efectuaram-se prospecções intensivas ao longo das margens e na zona inundável, tendo sido registados numerosos pesqueiros bem como outras estruturas relacionadas com o rio, a par da Quinta de Santo Antão e estruturas

rurais anexas. Devido à circunstância de estar prevista uma albufeira de fio de água, decorrente da limitação da cota da linha de caminho de ferro (Galiza), a faixa inundável era restrita pelo que o tipo de estruturas observadas foi limitado. A colecção de imagens fotográficas, muito completa, somando dezenas de negativos a preto e branco bem como diapositivos está depositada no Museu de D. Diogo de Sousa. Constitui um excelente documento para a História do concelho de Monção, dado que já se passaram quase três décadas sobre o trabalho realizado, tendo havido substanciais alterações na paisagem.

3

Sondagens nas formações quaternárias da Quinta de Santo Antão (Messe-gães) (orientadas por Francisco Sande Lemos, com a colaboração do técnico de arqueologia Vladimiro Pires).

Por motivos de ordem logística realizaram-se em simultâneo com as prospecções referidas em 2). Tendo em conta a albufeira da projectada barragem de Sela, e em face dos resultados positivos de recolhas preliminares de artefactos de superfície nas áreas onde a Carta Geológica à escala 1:50 000 da zona indicava a existência de terraços pleistocénicos, foi decidido proceder à abertura de sondagens em diversos pontos, seleccionados de acordo com critérios que pretendiam determinar o efectivo interesse das formações. A sondagem aberta na zona dos terraços aparentemente mais antigos, onde à superfície se observavam artefactos, designadamente bifaces talhados em seixos de quartzito, não facultaram dados estratigráficos, revelando que no local onde o sector foi aberto os sedimentos tinham sido removidos quase até à rocha. Na altura atribuímos a circunstância a processos erosivos posteriores à formação dos terraços, ou acção antrópica. Mais tarde quando se estabeleceu na UAUM (já no século XXI) uma linha de pesquisa dedicada à arqueomineração foi fácil concluir que os terraços tinham sido desmontados na época romana para recolha do ouro, como aliás em muitos outros pontos das duas margens do rio. Já uma sondagem demarcada no terraço mais baixo, junto ao rio, foi muito proveitosa, à cota de entre 30 a 20 metros. Apesar de não se observarem artefactos á superfície, a escavação em profundidade revelou, abaixo da terra

vegetal e agrícola, dois níveis com interesse arqueológico. Um mais recente que atribuímos, tendo em conta o material, ao período neolítico ou calcolítico. No fundo da vala, separada do nível suprarreferido por estratos sedimentares estéreis, cerca de três metros abaixo da cota do solo foi descoberta uma camada com materiais grosseiros, ou seja seixos rolados. Nesta camada recolheram-se inúmeras lascas e núcleos de quartzitos. De acordo com as cotas, a quantidade e tipo de lascas consideramos que foi atingido um nível relacionado como período do Wurm, quando o rio estava a uma cota inferior em virtude da descida do nível do mar. Seria pois material enquadrável no Paleolítico Superior. Nada foi observado que levasse à suposição de que se tratava de um acampamento nas margens do rio Minho, coberto posteriormente por outros sedimentos de calibre variável. Talvez tenha sido apenas uma zona de talhe. Só o alargamento das sondagens, o que ainda é possível, pois o traço conserva-se integralmente, permitirá esclarecer todas as dúvidas que se levantam. Trata-se, de qualquer modo, de um local de grande interesse para o conhecimento do Paleolítico Superior do vale do rio Minho e que deveria ser alvo de um projecto específico. Uma vez que a ideia da barragem de Sela foi abandonada e nunca ninguém se manifestou interessado em aprofundar o estudo do Quaternário do Minho (que fomos forçados a abandonar para nos dedicarmos em tempo inteiro ao salvamento de *Bracara Augusta* e à direcção do SRAZN) as sondagens foram soterradas.

4

Igreja de S. João de Longos Vales

No âmbito do protocolo assinado com a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, a pedido daquela entidade deslocou-se a Longos Vales, em Março de 1998, uma equipa formada por Francisco Sande Lemos, Luís Fontes e Mário Cruz, a fim de acompanharem os trabalhos projectados. A substituição da cobertura não teve implicações de ordem arqueológica. Quanto à drenagem prevista para o exterior do conhecido templo românico de Longos Vales (séc. XII) verificámos, logo na primeira deslocação, que os enterramentos se encontravam a poucos centímetros da superfície, tendo grande parte deles sido removidos por anteriores intervenções da DGEMN. Deste modo seria

inevitável que abertura da drenagem perimetral colidisse com sepulturas ainda existentes. Assim o trabalho de remoção de terras foi controlado por equipa de arqueologia. Foram detectados ao todo 4 sepulcros, em geral escavados na rocha, alguns deles com lajes laterais. A par dos enterramentos foram exumados os alicerces de estruturas de ligação entre o templo e o convento que se localiza para Sul.

Do relatório da UAUM (elaborado por Mário Cruz) transcrevem-se os seguintes parágrafos:

“Do acompanhamento desses trabalhos resultou a identificação de quatro sepulturas, duas no lado sul e duas no lado norte, e de um arranque de alicerce no ombro sul da nave, tudo a cerca de 0,2 metros de profundidade. Procedeu-se ao seu registo fotográfico e topográfico. Apresentavam as seguintes características:

Sepultura 1 (junto ao cunhal SE da nave) – cavidade trapezoidal antropomórfica escavada na rocha granítica, com 2 metros de comprimento e 0,4 de largura média; cabeceira com recorte para a cabeça virada a poente e pés a nascente. No lado norte era faceada por um alinhamento de lajes graníticas colocadas de topo, que enquadravam uma cobertura de 3 lajes graníticas não afeiçãoadas, dispostas transversalmente e que recobriam quase totalmente a cavidade sepulcral. Levantaram-se as tampas para desenhar o contorno interior, verificando-se que estava preenchida com terra castanha, matriz arenosa, pouco consistente. Procedeu-se à sua escavação, não se recolhendo qualquer restos osteológico ou de outro tipo.

Sepultura 2 (junto à porta lateral sul da nave) – cavidade trapezoidal antropomórfica escavada na rocha granítica, com 2,5 metros de comprimento, 0,4 de largura média e 0,3 metros de profundidade. Apresenta recorte semicircular para a cabeça no lado poente, ficando o lado dos pés, mais estreito, para nascente. Não apresentava qualquer cobertura, tendo sido inadvertidamente esvaziada pelos operários da obra, pois estava preenchida com a mesma camada que compõe o aterro superficial do adro, com características de terra vegetal.

Sepultura 3 – enterramento com as características da sepultura 1, sendo que tinha apenas uma laje granítica de cobertura na zona dos pés e media 2,3 metros de comprimento.

Sepultura 4 (junto ao topo nordeste da nave) – enterramento com as características dos anteriores, diferenciando-se por apresentar caixa rectangular sem marcação da cavidade para a cabeça, com 2,1 metros de comprimento e 0,5 metros de largura, restando da cobertura duas lajes graníticas – uma aos pés e outra à cabeceira.

Pelas características formais, trata-se de enterramentos medievais, eventualmente associáveis à ocupação monástica.

Alicerce (próximo ombro Sul nave) – nesta zona identificaram-se 3 blocos graníticos, associados a um miolo de argamassa e cascalho, que definiam o alinhamento de um alicerce que arrancava perpendicular à parede da igreja, correspondente a uma parede com cerca de 2 metros de espessura.

As quatro sepulturas e a estrutura foram localizadas na planta do tempo que nos foi facultada pela Direcção dos Monumentos do Norte".

Todas as sepulturas foram desenhadas e fotografadas encontrando-se os registos na Unidade Arqueologia da Universidade do Minho. Os desenhos foram efectuados por Mário Cruz e Alfredo Barbosa. Foi elaborado e enviado à DGEMN um relatório com as necessárias recomendações. Os desenhos foram digitalizados e vectorizados em Autocad, constando dos arquivos da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Para além disso os resultados desta pequena intervenção foram divulgados (por Francisco Sande Lemos) numa sessão pública efectuada no Castro de São Caetano, em 2003, e na qual esteve presente parte do povo da freguesia de Longos Vales.

O Convento é propriedade privada e na sua área já se efectuaram trabalhos arqueológicos da responsabilidade de uma empresa privada de Arqueologia.

Tendo em conta as referências bibliográficas, o resultado dos trabalhos arqueológicos efectuadas na área do antigo convento, bem como outras informações, em especial a relação com a Citânia de São Caetano é possível deduzir que ocorreu uma transferência de habitat a partir do monte onde se situa o povoado fortificado para a plataforma onde foram mais tarde edificadas a Igreja e o Mosteiro. Na verdade esta plataforma garante acesso directo a terras favoráveis ao plantio de cereais e de vinha. Terá, pois, havido uma fase, provavelmente,

durante o século I d.C. em que São Caetano continuou a ser habitado. Na Idade Média a sede paroquial fixou-se no lugar da Igreja, embora com povoamento disperso. A construção do Convento recolheu, pois, uma tradição de centralidade territorial que remontava à época proto-histórica.

5

Intervenção no Castro de São Caetano

Em 2003, no âmbito do Projecto Castrenor, foram realizadas escavações no Castro de São Caetano, durante o mês de Agosto, contando para o efeito com a colaboração de Odete Barra (arqueóloga da Câmara Municipal de Monção) e de uma equipa de voluntários composta por licenciados e alunos do Curso de Arqueologia da Universidade do Minho (André Oliveira; Célia Oliveira; Francelino Pereira; Ismael Basto; João Fonte; Paula Góis; Sónia Cunha, Alexandrina Alves, Raquel Sambade e Gonçalo Cruz). Participaram ainda na escavação Ana Pinto da Universidade Nova de Lisboa, (História e Arqueologia) e Pedro Ronquinho da Faculdade de Letras de Coimbra (História e Arqueologia). Os desenhos de campo foram realizados por: Alexandrina Amorim; Eurico Machado; José Manuel Leite; Paula Góis e Raquel Sambade. Os trabalhos incidiram numa zona já intervencionada por Maia Marques. Os resultados foram pouco conclusivos, mas foi possível determinar que aquele arqueólogo tinha aberto uma área formada por duas unidades residenciais distintas. Tal como se verifica na Citânia de Briteiros registámos uma dinâmica reorganização do espaço doméstico e de repavimentações que foi possível apurar com uma metodologia muito fina. De um modo geral os níveis decapados, parecem relacionar-se com uma fase do povoado em que predominava cerâmica indígena fabricada com roda de oleiro a par de alguns materiais de importação, designadamente ânforas. O relatório dos trabalhos foi organizado durante os anos de 2004/2005 por Raquel Sambade, sob a orientação de Francisco Sande Lemos. Os materiais foram tratados no Museu de D. Diogo de Sousa e depois remetidos para a Câmara Municipal de Monção. Toda a informação (planos e cortes) foi digitalizada e vectorizada, encontrando-se uma cópia na Unidade de Arqueologia e outro na posse de Francisco Sande Lemos. Existe uma exaustiva cobertura fotográfica dos trabalhos. Transcrevem-se as considerações finais do Relatório:

“Globalmente, este sítio corresponde à designada II Idade do Ferro, ou seja finais do século II e século I a.C (com continuidade de ocupação no século I d.C.). A campanha arqueológica de 2005 no Castro de São Caetano permitiu constatar/identificar três fases de construção distintas. A primeira fase está associada à construção das estruturas circulares; a segunda diz respeito às estruturas/muros construídos com o objectivo de individualizar as unidades habitacionais; a terceira fase identifica-se pela presença de estruturas de tendência ortogonal, predominantes na zona Norte da quadrícula (quadrados A1 e A2). Uma vez que pode não existir uma correspondência linear entre fases de construção e distintas fases de ocupação do povoado, propomos a realização de sondagens cirúrgicas, contíguas a estruturas de diferentes fases de construção, assim como sob o lajeado. Estas intervenções vão permitir determinar a cronologia da construção das diversas estruturas analisadas, assim como estudar a relação temporal entre elas. Observou-se uma marcada ausência de materiais romanos como *tegula*, materiais de construção e *sigillatas*. O nível de abandono do local foi cortado pela estrada que passava nesta zona do castro”.

Convém referir que os estratos mais tardios desta zona já tinham sido removidos nas escavações anteriores.

6

Edição de um Roteiro de Castros do Noroeste de Portugal e da Galiza

Em conjunto com a ADRAVE (Luisa Marinha), a Câmara Municipal de Monção (Odete Barra), o Serviço de Arqueologia da Galiza (Faustino Roure), e a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (Francisco Sande Lemos com a colaboração de Gonçalo Cruz), no âmbito do Projecto InterregIIIa foi organizado em 2004-2005 um guia dos castros do Noroeste de Portugal e da Galiza.

Transcreve-se um breve apontamento sobre este livro da autoria de Faustino Infante Roura (publicado em “A CULTURA CASTREXA: Accións e estratexias

para o seu aproveitamento sócio-cultural. CASTRENOR: cultura castrexa no noroeste peninsular. ACTAS DO SEMINARIO FINAL. Mondariz Balneario, 22 e 23 de xuño de 2006):

"Guía Turístico Cultural sobre "Castros visitables de Galicia e o NW Peninsular".

Elaborada en tres idiomas Portugués, Galego e Inglés. Cun total de 96 páxinas amosa un amplo abano de xacementos arqueolóxicos relevantes de Galicia e o Noroeste de Portugal. En total seleccionáronse un total de 45 xacementos (20 para Galicia e 25 para Portugal). Cada un deles conta cunha completa información de localización e accesos, que ver, condicións da visita e unha bibliografía complementaria.

Para a selección dos xacementos que figuran nesta Guía, os coordinadores da mesma fixaron unha serie de parámetros valorativos para elixir os xacementos que deberían figurar e a importancia ou extensión do texto para cada un deles.

Así se primaron:

- Castros ben conservados, con estruturas debidamente consolidadas e accesibles para o gran público.
- Castros que, aínda que non presentasen algunha das características anteriores, se valoran como fundamentais no ámbito da Cultura Castrexa para amosar a súa variabilidade cronolóxica e/ou xeográfica".

O Guía, bem como um website (que segue o mesmo modelo), foi editado em Português, Galego e Inglês, tem tido uma ampla distribuição quer em Portugal quer na Galiza. A Guía encontra-se disponível em formato PDF na propia página web do projecto ou na página WEB da Consellería de Cultura e Deporte da Xunta de Galicia. Relativamente ao Concelho de Monção integram o Roteiro dois sítios: os castros de São Caetano e da Senhora da Assunção. Os textos sobre os dois castros foram elaborados por Odete Barra. A revisão completa de todo o conteúdo referente aos castros do NO de Portugal, bem como das traduções de português para galego e para inglês, bem como de galego para português, foram efectuadas por Francisco Sande Lemos.

7

Considerações finais

Como se pode inferir da bibliografia organizada por HBN e dos parágrafos anteriores o território do concelho de Monção tem recursos arqueológicos significativos, abrangendo sítios que se escalonam do Paleolítico à Idade Moderna. Os dados já recolhidos, embora ainda escassos para uma radiografia completa da ocupação do território numa escala de longa duração, permitem organizar um projecto de pesquisas mais amplo que esperemos possa ser levado a cabo logo que possível.

8

Bibliografia

- Cruz, Mário; Lemos, F. S. e Fontes, L. (1999) – Relatório do acompanhamento arqueológico na igreja paroquial de Longos Vales, Monção. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- Lemos, F. S., Barra, O. e Sambade, R. (2005) – Relatório Final: São Caetano 2005, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (foram enviadas cópias em suporte papel para o IPPAR e para a Câmara Municipal de Monção).